

# O que a aquisição inicial da sintaxe revela sobre parametrização? O caso dos objetos e estruturas afins<sup>1</sup>

Ruth E. Vasconcellos Lopes

UNICAMP/CNPq



## Introdução

O modelo de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1986) representou, sem sombra de dúvida, um grande avanço na descrição das línguas naturais e na área de aquisição da linguagem. Nosso objetivo aqui é discutir, brevemente, a inadequação da noção digital de parâmetro dos anos 80 e mostrar que o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995 e obras posteriores) representa um avanço, pois atrela diferenças paramétricas a determinados traços em categorias funcionais relevantes.

Essa discussão será feita considerando-se, principalmente, o papel que dados lingüísticos infantis devem ter na construção da teoria sintática, uma vez que são reveladores de opções paramétricas iniciais que dividem gramáticas de línguas relacionadas ou mostram que outras, de línguas distantes, apresentam funcionamento semelhante na criança quando se têm em conta fenômenos específicos. No caso, ilustraremos esse ponto com a aquisição de objetos, concentrando-nos, mais especificamente, em português brasileiro (PB, doravante), com a hipótese de que a aquisição de tal fenômeno na língua vincula-se à aquisição de aspecto e, portanto, a traços aspectuais que interagem com traços dos objetos, como especificidade, por exemplo.

<sup>1</sup> Agradeço a oportunidade que tive de apresentar esta palestra durante o 7º Encontro do ENAL em Porto Alegre. Agradeço os comentários da audiência de lá e também da UFPR onde apresentei a hipótese central sobre a aquisição de objeto em PB que será delineada aqui. Obviamente, problemas remanescentes são de minha responsabilidade. A estrutura do artigo será fiel à apresentação feita durante o ENAL.

Este artigo organiza-se da seguinte forma: na segunda seção discutiremos a relevância de dados infantis iniciais para a apreensão de fenômenos parametrizáveis entre línguas, assim como a concepção de parâmetro no modelo de Regência e Ligação e no Programa Miminalista. Na terceira seção, apresentamos resultados da literatura em aquisição de objetos, inicialmente, para, então, passarmos à discussão do fenômeno em PB. Finalizamos o artigo, na seção quatro, mostrando uma forma correlação empírica na aquisição do objeto nulo e aspecto em PB, retomando os pontos levantados na segunda seção.

## 2 Por que dados de aquisição são interessantes?

Rizzi (2000: 269) afirma que “a continuidade, que é claramente o fator predominante, assegura que a evidência sobre o desenvolvimento terá a ver com o objeto de pesquisa com o qual os gerativistas se preocupam, o estudo de sistemas restritos pela faculdade da linguagem humana. A descontinuidade é o que faz do desenvolvimento algo interessante: podemos esperar que o desenvolvimento nos permita ver propriedades que não são imediatamente acessíveis à observação nos sistemas adultos, permitindo que identifiquemos e exploremos áreas negligenciadas do espaço gramatical definido pela Gramática Universal”.<sup>2</sup>

Por ‘continuidade’, Rizzi entende aquilo que na gramática infantil é igual à gramática adulta sendo adquirida. Nesse caso, dados de tal natureza funcionam como evidência para a teoria gramatical. A ‘descontinuidade’, entretanto, revela propriedades que não estão presentes na gramática adulta sendo adquirida – embora possam ser propriedades de outras gramáticas adultas – e, assim, indica propriedades da Gramática Universal.

A pergunta que queremos explorar aqui é: e quando os dados infantis revelam continuidade e descontinuidade translingüística e intralingüisticamente? Não estariam revelando como o processo de aquisição parametriza diferentes línguas?

O problema, contudo, é como se toma a noção de parâmetro – o que vamos discutir agora, ainda que brevemente.

Nos anos 80, concebiam-se os parâmetros como binários, marcando a presença ou ausência de uma dada propriedade superficial, como preenchimento ou não de sujeito, por exemplo. Uma tal visão não dá margem para a descrição de línguas que

---

<sup>2</sup> Minha tradução.

apresentam um determinado fenômeno em contextos sintáticos restritos, como seria o caso do PB com o sujeito nulo.

Como apontou Meisel (1997), entre outros, a noção de parâmetro só é teoricamente atrativa se um dado parâmetro puder explicar o comportamento de vários fenômenos superficialmente não correlacionados na língua. De outra forma, perde seu apelo explicativo e transforma-se em mero instrumento descritivo. Contudo, é difícil lembrar de um bom exemplo de parâmetro, proposto no âmbito da teoria, que funcione dessa maneira. Em todos os manuais introdutórios sobre sintaxe e/ou aquisição de sintaxe, sempre encontramos como exemplo o então chamado “parâmetro pro-drop” ou parâmetro de preenchimento do sujeito. Línguas de sujeito nulo teriam uma série de outras propriedades: falta de expletivos, movimento longo do sujeito, violação do filtro *that-t*, ausência de resumptivos retomando o sujeito matriz na sentença subordinada etc. O inverso ocorreria com as línguas de sujeito preenchido. Como exemplos de um ponto e outro da descrição teríamos o italiano, de um lado, e o inglês, na extremidade oposta.

Naturalmente, esse tipo de concepção foi adotado na área de aquisição. Observava-se que crianças pequenas, independentemente da língua sendo adquirida, passam por um período em que produzem sujeitos nulos. Hyams (1986) propôs, assim, que universalmente as gramáticas iniciais começariam com o valor “sujeito nulo” para o parâmetro pro-drop e, no caso de línguas de sujeito preenchido, ele seria reacionado.

Há uma série de problemas com a proposta de Hyams que não cabe discutir aqui. A própria autora passou a explicar o fenômeno de forma distinta em trabalhos posteriores, muito em função de um trabalho seminal de Valian (1991).

Valian, comparando a aquisição de inglês com italiano, mostrou que há diferenças significativas na produção de sujeitos nulos pelas crianças nessas duas línguas, tanto de caráter quantitativo, quanto qualitativo. Vejamos os exemplos abaixo:

- |   |    |
|---|----|
| (1) [ ] was a green one (Eve 1;10)            | IN |
| era um verde                                  |    |
| [ ] falled in the briefcase (Eve 1;10)        |    |
| caiu na pasta                                 |    |
| (2) [ ] a tout tout tout mangé (Augustin 2;0) | FR |
| tem tudo tudo tudo comido                     |    |
| (3) Where dis goes? (Adam 2;8)                | IN |
| Onde isso vai?                                |    |

(4) (\*) Where [ ] goes?

*Onde [ ] vai?*

(5) Dove va?

*Onde [ ] vai?*

IT

O que se percebe nos exemplos (1) e (2) é que o sujeito nulo em crianças adquirindo línguas de sujeito preenchido tende a ocorrer na primeira posição da sentença apenas. Em (3), em que há um elemento interrogativo no início da sentença, o sujeito está preenchido. O exemplo em (4), construído, ilustra o ponto. Por outro lado, em línguas de sujeito nulo, em que o sujeito não preenchido em contextos como (4) é gramatical, surgem normalmente na gramática infantil, como em (5).<sup>3</sup> Esses fatos revelam, assim, que é preciso examinar atentamente os contextos sintáticos em que os nulos infantis são produzidos. Mostram, ainda, que aparentemente desde cedo as crianças “percebem” a que tipo de língua estão expostas e sua produção de nulos não pode ser equiparada, nem explicada por um suposto estágio universal inicial de marcação paramétrica em um dado valor específico do parâmetro. Aparentemente, a concepção digital (+ ou -) como valores possíveis para um parâmetro é forte demais para dar conta das línguas naturais e do processo de aquisição.

A partir de meados dos anos 90, através da proposta do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995 e obras posteriores), a concepção de Faculdade da Linguagem se torna mais restrita e, portanto, da Gramática Universal (GU). Com ela, a visão paramétrica também sofre uma modificação e passa a ser concebida como estando baseada na seleção de traços formais e/ou semânticos em determinadas categorias funcionais, gerando uma granularidade muito bem vinda para a descrição das línguas naturais e para a explicação dos fenômenos em aquisição. Cabe aqui um pequeno parêntese. A literatura em aquisição de primeira língua, seguindo a tradição teórica, pressupõe que o processo de formatação da GU envolva tão-somente a seleção de traços formais em determinadas categorias na aquisição de diferentes línguas. Isso se deve ao fato de que são os traços formais que fazem o sistema computacional funcionar, pois traços semânticos são, por definição, interpretáveis na interface, não precisando ser manipulados pela sintaxe, embora sua interpretação seja considerada como composicionalmente

---

<sup>3</sup> Há inúmeras propostas para dar conta dessa diferença. Não é nosso interesse aqui apresentá-las, mas o leitor pode cf. Rizzi (2001), Wexler (1998), Lopes (2003), entre tantos outros.

derivada da sintaxe. Lopes (2006), contudo, propõe que traços semânticos também desempenhem um papel na aquisição de primeira língua, como discutiremos abaixo em relação ao objeto nulo no PB.

Voltando aos parâmetros, a idéia é que um efeito superficial em uma dada gramática deve, portanto, refletir a interação de vários traços lingüísticos – um fenômeno que tem sido mais recentemente batizado de ‘microparâmetros’. Para ilustrar, podemos voltar ao sujeito e imaginar que seu preenchimento ou não dependerá do tipo de traço existente no núcleo sentencial – a categoria T(empo). São os chamados traços-phi – gênero, número e pessoa – responsáveis pela concordância do verbo com o sujeito. Ora, uma criança em processo de aquisição deve selecionar entre esses traços aqueles que estão presentes em sua língua. A combinação desses traços pode gerar as seguintes possibilidades:

- (6) [ $\pm$  gênero], [ $\pm$  número], [ $\pm$  pessoa]
  - (i) [+ pessoa], [+ número]
  - (ii) [- pessoa], [- número]
  - (iii) [- pessoa], [+ número]

Abstraindo o traço de gênero (presente em línguas semíticas, por exemplo) e concentrando-nos em pessoa e número, vemos que apenas a combinação desses traços pode gerar gramáticas muito distintas. A opção em (i), por exemplo, torna o elemento de concordância um elemento de sabor pronominal, podendo assim a marcação morfológica desses traços no verbo dar conta da interpretação do sujeito. Seria o caso do italiano, do espanhol etc. A opção (ii) leva ao outro extremo: a identificação do sujeito não é recuperável morfológicamente no verbo, o que exige a projeção de um sujeito pronominal, como no inglês. A última opção permite um meio-termo. Seria, por exemplo, o caso do PB.

Com isso em mente, podemos passar ao nosso objetivo principal que é discutir a interação de traços e categorias na aquisição do objeto direto em PB, fazendo, antes, um pequeno percurso sobre a aquisição de objeto em outras línguas.

### **3. A aquisição de objetos**

#### **3.1 De forma geral**

Há línguas de objeto nulo, como o chinês e o PB, e línguas de objeto preenchido, como o inglês, o espanhol, o italiano, o grego, o alemão etc. Mas como vimos acima, essa polaridade não pode

explicar todos os fatos. Há línguas e línguas de objeto nulo e línguas e línguas de objeto preenchido...

A literatura em aquisição de linguagem mostra, de forma ainda geral, uma primeira “parametrização” inicial das línguas, em relação à realização do objeto. Assim, crianças comportam-se diferentemente se a língua apresenta clíticos, ou pronomes fracos/ fortes ou objeto nulo.

Já era considerado como bem estabelecido na literatura que crianças adquirindo línguas com objetos clíticos passam por um estágio de omissão do clítico (Avram, 2001; Hamann, 2003; Jakubowicz et al., 1998; Schmitz & Müller, 2003; Tsakali and Wexler, 2003; entre outros):

(7) Ce a făcut băiatul cu mărul? (romeno, Avram, 2001)

*O que tem feito menino-det com maçã-det*

Forma infantil: [ ] A mîncat  
*tem comido*

Forma esperada: L-a mîncat  
*a tem comido*

(8) Mira [ ] pongo (K. 1;7) (espanhol, Reglero & Ticio, 2001)

[miya poino]

Forma esperada: Mira lo pongo  
*Olha (eu) o ponho*

(9) Pa que, pa que pompe [ ] en el coche grande (M. 2;3)  
(espanhol, Fujino & Sano, 2002)

*Pra que, pra que (ele) ponha [ ] no carro grande*

(10) No, ha lavato! (M. 2;1) (italiano, Schaeffer, 1997)

*Não, tem lavado*

Forma esperada: Não, (ela) [os] (= os sapos) lavou

(11) No, pettina! (A. 2;5) (italiano, Schaeffer, 1997)

*Não, penteia*

Forma esperada: Não, (ela) a (= a boneca) está penteando

O mesmo não se atesta em crianças adquirindo línguas com um paradigma pronominal forte e/ou fraco, como o inglês, por exemplo (HUANG, P-Y, 1999; HYAMS, 1983, 1989; WANG et al., 1992; entre outros). Por outro lado, há evidências de que crianças adquirindo o chinês, uma língua de objeto nulo, produzem os nulos desde o início e demonstram, na produção, dados quantitativamente próximos à gramática adulta (cf. WANG et al., 1992; YIP & MATTHEWS, 2000).

Entretanto, estudos mais recentes têm demonstrado que dentre as línguas de clítico há também comportamentos distintos. Em

algumas, verifica-se, de fato, o estágio de omissão, em outras, não. É interessante aqui fazer uma ressalva no sentido de não se confundir a produção de objetos nulos com a omissão de um clítico. Neste último caso, trata-se da queda de uma categoria e não do uso de uma categoria vazia em seu lugar, segundo a grande maioria das propostas.

Assim, há dados infantis que mostram uma continuidade – por exemplo no caso das línguas de pronomes fracos/fortes ou objetos nulos –, mas também uma descontinuidade, como no caso de algumas línguas de clítico. O que veremos adiante, quando discutirmos o PB, é que, novamente, é preciso cuidar com os dados. Mesmo que a gramática infantil só apresente sentenças esperadas na gramática adulta é necessário verificar se a produção infantil reflete, de fato, a gramática final.

Em relação às línguas de clítico, alguns autores sustentam que há o estágio de omissão em romeno: Avram, 2001; francês: Hamann, 2003; Jakubowicz et al., 1998; espanhol: Ezeizabarrena, 1997; Fujino, 2000; Reglero & Ticio, 2001; italiano: Schaeffer, 2000; Português Europeu: Costa & Lobo, 2005 (em contextos de ilha); entre outros. Entretanto, Wexler, Gavarró & Torrens, 2003, analisando o espanhol e o catalão, e Tsakali & Wexler, 2003, explorando o grego, sustentam que, em espanhol e grego, não se verifica o estágio de omissão. Os resultados são controversos e provavelmente dependem, em alguma medida, da metodologia utilizada. Os dados de produção espontânea, para o espanhol, por exemplo, mostram a omissão, mas nos dados experimentais dos autores acima o fenômeno não ocorre, ou ocorre muito marginalmente. Se Wexler e colaboradores estão corretos, deve haver algum traço que diferencia as línguas de clítico.<sup>4</sup>

Qualquer que seja a análise, os autores tendem a concordar que línguas de clítico colocam alguns problemas extras para a criança que as adquire, ou por tratar-se de elementos de concordância (já que se sabe que crianças têm problemas inicialmente com concordância) ou por tornarem a derivação muito complexa

---

<sup>4</sup> Não é nosso interesse aqui explorar as diferentes análises para o fenômeno. Apenas a título de ilustração, Wexler e colaboradores, por exemplo, sustentam que o traço que divide as línguas de clítico é a presença ou não de concordância de participio. Nas línguas em que ela existe, observa-se o fenômeno da omissão (segundo a análise dos autores, em função de o clítico ter que ser checado contra duas categorias, o que não seria possível nas gramáticas infantis iniciais). Esse traço distingue, de fato, línguas como o italiano e o espanhol, por exemplo, mas deixa de fora uma língua como o português europeu que, segundo Costa e Lobo (2005) também apresenta omissão, ao menos em contextos de ilhas.

(considerando que os clíticos devem concordar com um antecedente que pode não estar próximo, devem se movimentar etc).

Passemos às línguas de objeto nulo. Em relação ao chinês, por exemplo, recordemos que o licenciamento do objeto nulo depende de um tópico discursivo, que pode ser nulo:

- (12) a. [TOP Peter<sub>i</sub>], John said that Mary didn't know  $e_i$   
(HUANG, 1984).  
"Peter<sub>i</sub>, John disse que a Mary não conhece  $e_i$ "  
b. [TOP O<sub>i</sub>], Zhangsam shuo Lisi bu renshi  $e_i$ .  
Zhangsam diz Lisi não conhece  
"Zhangsam disse que Lisi não conhece".

O objeto nulo é também licenciado em português europeu, porém com uma restrição sintática forte: não pode ocorrer em contextos de ilha:

- (13) \* O rapaz que trouxe  $e_i$  agora mesmo da pastelaria era o teu afilhado (RAPOSO, 1986).

Dado o quadro exposto aqui, uma pergunta natural que vem à mente é: o que acontece com uma língua que perdeu os clíticos de 3ª pessoa, passando a admitir objetos nulos em quaisquer contextos sintáticos, assim como também uma opção por pronomes fortes/fracos (doravante, pronomes lexicais)?

A previsão natural seria que uma vez que as crianças adquirindo PB não têm que lidar com a complexidade envolvida na derivação dos clíticos, então devem apresentar um padrão de objetos próximo à gramática-alvo. No que diz respeito aos nulos, mostrariam o padrão do chinês (sem as complicações do licenciamento via tópico nulo na periferia esquerda da sentença) e em relação aos pronomes lexicais, mostrariam o padrão do inglês, alemão etc, ou seja, línguas em que não se verifica a omissão de tais pronomes.

Passamos, então, a discutir o que ocorre no PB.

### 3.2 E a aquisição do objeto no PB

Embora o PB licencie objetos nulos em quaisquer contextos (vs. PE), a distribuição entre nulos e pronomes lexicais não é livre mas é restrita pelos traços semânticos do antecedente, a saber, animacidade e especificidade. Normalmente, os nulos retomam antecedentes [- animados], como em (14), ou [+ animados], desde que não sejam específicos, como em (16b). Os pronomes lexicais são geralmente utilizados na retomada de antecedentes [+ animados], como em (15).



- (14) O Emilio perdeu [a carteira] e não consegue achar [ ]/?ela em lugar nenhum.
- (15) A Clara não quer que [o filho] veja TV, então ela sempre leva \*[ ]/ele no parquinho.
- (16) a. O policial insultou [o preso] antes de torturar \*[ ]/ele.  
b. Policial sempre insulta [preso(s)] antes de torturar [ ]/?eles.

Examinemos, agora, os resultados de aquisição. Foram analisados dados de produção espontânea de duas crianças: R., de 1;9 a 2;8 anos e AC., de 1;8 a 3;7.<sup>5</sup>

Para a análise dos dados, consideraram-se apenas verbos transitivos, bitransitivos e ECM, por serem os contextos que requerem um clítico nas demais línguas românicas. Contextos de nulos categoriais como em elipse sentencial (17) foram desconsiderados para não aumentar artificialmente nossos resultados:

- (17) A(dulto): E o que acontece na história do Príncipe do Egito?  
C(riança): Já esqueci Æ. (AC, 3;7)

Na Tabela 1, abaixo, encontramos os resultados gerais de retomada anafórica de um DP em posição de objeto para ambas as crianças.

TABELA 1 – Resultados gerais para as duas crianças.

Nulo		Pronomes lexicais		DPs		Total	
N	%	N	%	N	%	N	%
275	29.2	93	9.8	575	61	943	100

Podemos perceber, pela tabela acima, que o uso de nulo ainda está quantitativamente muito distante das figuras encontradas para a gramática adulta. Duarte (1986) encontrou em média 70% de nulos. Quando, entretanto, excluem-se os DPs lexicais, ficando a opção apenas entre nulos e pronomes lexicais, então vê-se a clara preferência da criança pelo nulo:

TABELA 2 – Média de realização de objetos nulos e pronominais.

Criança	Nulo		Pronome lexical		Total	
	N	%	N	%	N	%
R.	134	75.2	44	24.8	178	100
AC	141	74.2	49	25.8	190	100
Ambas	275	74.7	93	25.3	368	100

<sup>5</sup> Os dados de R. pertencem ao CEDAE/IEL/UNICAMP e os de AC ao CEAAL, PUCRS. Agradeço a Sérgio Menuzzi pelo acesso aos dados de AC.

A tabela abaixo nos fornece o desenvolvimento de nulos e pronomes ao longo das faixas etárias examinadas para cada criança:

TABELA 3 – Porcentagem de objetos nulos e pronominais para cada criança ao longo do tempo.

Idade	AC		R		Total
	Nulo	Pronome	Nulo	Pronome	N
1;8-1;9	100	0	100	0	9
1;10	100	0	75	25	17
2;1	100	0	69.7	30.3	95
2;3	85	15	84.7	15.3	85
2;8	73	27	64	36	52
3;0	64	36			78
3;7	81	19			32
Total	74.2	25.8	73.5	24.7	368

Os resultados mostram claramente um padrão crescente de uso dos pronomes ao longo do desenvolvimento, enquanto se observa um decréscimo no uso de nulos. A pergunta natural é saber se se trata de uma única e mesma categoria de nulo ou se há mudança de seu estatuto desenvolvimentalmente. Os resultados também apontam para um padrão muito interessante em ambas as crianças, embora se verifique em diferentes faixas etárias para cada uma. Ambas começam com uma produção de 100% de objetos nulos, mas obviamente essa figura diminui à medida que os pronomes surgem. Para R. isso acontece quando ela está com 1;10 e para AC, com 2;3 anos.

Examinando os dados qualitativamente, o que se percebe é que os objetos nulos inicialmente são instâncias de nulos dêiticos em contextos imperativos; contudo, quando os pronomes começam a ser utilizados, o nulo se torna anafórico. Essa observação deve ficar mais clara quando cruzarmos os resultados com os traços semânticos do antecedente. Por ora, comparemos (18) – um nulo dêítico – com (19), um nulo anafórico:

- (18) a. Garda (= guarda)  $\emptyset$  qui. (R., 1;9)  
 (A criança está segurando a chupeta, obviamente se referindo a ela)
- b. Tila (= tira)  $\emptyset$  umbassu (= embaixo) (R., 1;9)  
 (A mãe havia colocado a chupeta sob o gravador)
- (19) Não vou guardar  $\emptyset$ . (AC, 3;7)  
 (A criança se refere a seus brinquedos que estão em outro ponto da casa)

Kato (1994) já havia apontado para a necessidade de distinguir os objetos nulos dêiticos dos anafóricos, mostrando que os nulos dêiticos podem ocorrer universalmente em contextos imperativos, mas no PB também em outros contextos sintáticos. Para ela, ainda, os nulos dêiticos, por ocorrerem com imperativos, são um fenômeno raiz e estariam restritos a referentes inanimados de 3ª pessoa, diferentemente de operadores nulos que podem ocorrer em subordinadas e não se restringem a referentes inanimados.

Vamos assumir, seguindo Salustri & Hyams (2002), que sentenças imperativas sejam licenciadas pela categoria funcional *MoodP*, responsável por checar o traço semântico ‘irrealis’ do verbo, como em (20).<sup>6</sup>

(20) [<sub>MoodP</sub> [<sub>vP/VP</sub>]]

Verificamos o uso de imperativos em uma das crianças consideradas aqui para o objeto, AC, e constatamos que, de fato, há um alto percentual dessas construções nos arquivos iniciais, tendendo a uma queda ao longo do desenvolvimento.

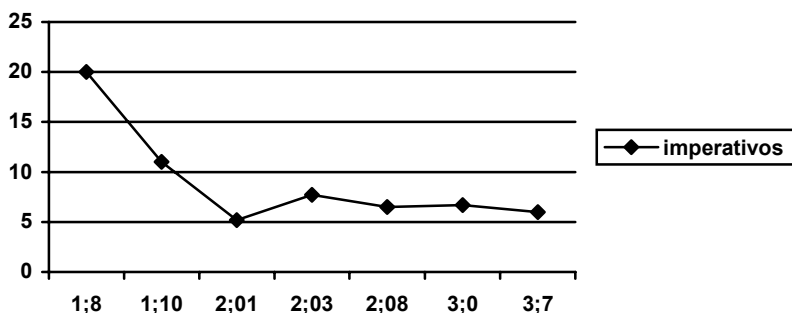


GRÁFICO 1 – Porcentagem de imperativos ao longo do desenvolvimento de AC.

Obviamente não se pode sustentar que haja uma fase em que a criança use apenas estruturas imperativas. Desde o primeiro arquivo, podemos perceber que é alta a porcentagem de verbos no

<sup>6</sup> Segundo as autoras, as formas imperativas encontradas no período inicial de aquisição de línguas de sujeito nulo seriam formas análogas às sentenças infinitivas-raiz, estrutura fartamente encontrada em crianças adquirindo línguas de sujeito obrigatório, como o inglês e o alemão, mas não detectadas em crianças adquirindo línguas de sujeito nulo. Não vamos explorar esse ponto aqui.

modo indicativo (em 1;8, por exemplo, 80% – sendo 68,4% de verbos de ligação no presente e 11,6, no pretérito perfeito). Contudo, as formas no pretérito sugerem mais uma marcação aspectual de perfectividade do que distinção temporal propriamente entre presente e pretérito, conforme Kato (1994) já havia mostrado.<sup>7</sup> Para a autora, estruturas perfectivas encontradas na fala inicial da criança sugerem telicidade ou ‘*completion of action*’, em suas palavras (Kato, op. cit.: 140). Kato nota, ainda, que o uso do objeto nulo em tais contextos ainda é, inicialmente, aquele de um dêitico nulo, o que mostra que a criança está expandindo os contextos de uso do nulo dêitico para além do imperativo, conforme se vê em (21):

(21) Telô [ ]! (= tirou) (R. 1;9)

Voltaremos a esse ponto; antes, porém, discutiremos alguns resultados sobre tempo e aspecto, tanto lexical quanto gramatical, em uma das crianças (AC).<sup>8</sup> As formas imperfectivas (pretérito imperfeito e presente contínuo, por exemplo) só entram na produção de AC aos 2;03. Até essa fase, a criança produz, em sua maioria, verbos de *achievement*, lexicalmente marcados como télicos, portanto, gerando formas perfectivas. Aos 2;03 encontram-se verbos de estado, atividade, *accomplishment* e *achievement*, caindo esses últimos de 75%, aos 1;8, para 17,3%, aos 2;03.

Assim, temos que assumir que a criança projete um núcleo aspectual desde cedo (AspP) e, vamos propor, seguindo análise em Lopes (2003), que o núcleo temporal (TP) também esteja presente desde os primeiros arquivos examinados; porém, T checa, inicialmente, apenas o traço de finitude [ $\pm$  finito] e tem traços-phi (portanto, seus traços formais) subespecificados, um ponto que não nos interessa diretamente aqui. O núcleo de AspP, por outro lado, conteria um traço inicial *default* [+ perfectivo].

Contudo, seguindo Salustri & Hyams, conforme pontuamos anteriormente, proporemos que as derivações com formas imperativas, até porque são sempre um fenômeno raiz, não contêm em sua Numeração nem TP, nem AspP, já que têm uma natureza dêitico-ilocucionária, não apresentando contraste de tempo ou aspecto. No caso da gramática infantil, como o sujeito é sempre de 2<sup>a</sup> pessoa do singular, isso reforçaria a ausência de TP. Assim em tais derivações, a estrutura esperada seria aquela apresentada em (20).

<sup>7</sup> Essa hipótese é conhecida na literatura em aquisição como ‘*aspect-first-hypothesis*’.

<sup>8</sup> Os dados foram analisados por Tharen de Souza, bolsista de IC (PIBIC/UFSC), sob minha orientação. Cf. Souza (2005).

Vamos agora fazer um pequeno desvio na discussão e apresentar uma nova hipótese: o licenciamento do objeto nulo em PB se dá através da categoria aspectual. Em breve, vamos começar a amarrar as pontas dos diversos resultados apresentados até agora para a aquisição de objeto e aspecto.

Cyrino e Matos (2005) mostram que o português europeu (PE) e o PB têm elipse de VP, diferentemente de outras línguas românicas. Em ambas as variedades, a elipse pode ocorrer tanto com um verbo auxiliar como com um verbo lexical (desde que haja paralelismo com o VP antecedente). Segundo as autoras, a elipse é licenciada em PE pela categoria T e em PB, pelo primeiro núcleo funcional que se concatena ao VP elidido. As autoras se utilizam do seguinte teste com o advérbio focalizador ‘também’ para mostrar a diferença de comportamento das duas variedades:

- (22) Ela tem lido livros às crianças e ele **também** tem lido [-]
- (23) a. Ela tem lido livros às crianças e ele tem **também** lido [-]  
 b. PB: [-] = [VP [V t] livros às crianças]  
 c. PE: [-] = (i) ??[VP [V t] livros às crianças]  
 (ii) ok [V t] [-]

Em (22), tanto o PE quanto o PB admitem a leitura de elipse estrita – livros às crianças. Já em (23), em que o advérbio está abaixo de TP, apenas o PB mantém a leitura de elipse estrita, enquanto em PE, necessariamente, a única leitura é não-específica (ele tem lido “qualquer coisa”).

Cyrino e Matos (op. cit.) propõem a seguinte estrutura para (23):

- (24) ... ele [TP tem [AdvP [Adv **também**] [VP aux t [AspP lido [vP -]]]

Em trabalho anterior, Cyrino e Matos (2002) concluem que “*in Brazilian Portuguese both clitics and VP ellipsis may be licensed by functional heads distinct from T*” (p. 191). Nós vamos assumir aqui que a categoria relevante para o licenciamento de elipses de VP e de objetos nulos em PB seja o núcleo aspectual, propondo a seguinte hierarquia funcional na sentença (consideradas apenas as categorias relevantes para a discussão):<sup>9</sup>

- (25) [<sub>MoodP</sub> [TP [<sub>AspP</sub> [<sub>vP/VP</sub>]]]]

<sup>9</sup> Assumimos a análise de Cyrino (1997) para os objetos nulos do PB, a saber, que são casos de elipse nominal. Não vamos nos estender nessa discussão, mas o paralelismo parece bastante óbvio no licenciamento de ambos os fenômenos na língua.

Voltaremos a essa discussão adiante. O ponto que queremos evidenciar aqui envolve o contraste entre (20) e (25). Como derivações imperativas como (20) não envolvem o núcleo T e não projetam AspP, sob essas condições, o único licenciamento de objeto possível seria o dêitico, realizado lexicalmente ou nulo – este a opção inicial da criança adquirindo o PB.<sup>10</sup>

Interessantemente, se compararmos o Gráfico (1) com a Tabela (3), verificaremos que há uma queda brusca na produção de formas imperativas aos 2;1 anos, atingindo, a partir daí, percentuais que se mantêm razoavelmente constantes até o último arquivo examinado. Mas o mais interessante é verificar que aos 2;3 anos, AC começa a produzir pronomes em posição de objeto e a apresentar objetos nulos anafóricos. É também nessa faixa etária que a distinção perfectivo/imperfectivo se torna especificada em AspP, se considerarmos os resultados sobre aspecto discutidos anteriormente. A pergunta a ser feita, então, é: qual a correlação entre objeto e aspecto? Voltaremos a esse ponto, após discutirmos os traços semânticos do nulo anafórico.

Examinemos, então, a relevância dos traços semânticos de animacidade e especificidade do antecedente, considerando apenas os casos de objetos nulos, a partir da tabela abaixo.

TABELA 4 – Porcentagem média de nulos para cada criança e resultados de Cyrino (1997) para o século XX, de acordo com os traços semânticos do antecedente (Numerador = nulo; Denominador = nulo + pronominal).<sup>11</sup>

Criança	[-anim/+espec]	[+anim/+espec]	[-anim/-espec]	[+anim/-espec]
AC	66.6% (70/105)	33.4% (8/22)	100% (30/30)	0
R	83.6% (117/140)	47.6% (10/21)	41.2% (7/17)	0
XX	87% (64/74)	0	93% (27/29)	57% (4/7)

O resultado mais importante a ser apontado diz respeito à alta porcentagem de objetos nulos [- animados], especialmente com antecedentes [+ específicos] (70 casos sobre 30 com o traço [- específico] para a criança AC). Podemos, assim, afirmar que o resultado

<sup>10</sup> Essa relação não é bidirecional, ou seja, se a única categoria funcional projetada for MoodP, então apenas objetos nulos dêiticos serão licenciados. Contudo, sob TP e AspP nulos anafóricos e dêiticos podem ser licenciados.

<sup>11</sup> Se os resultados para nulo na Tabela 4 forem comparados aos resultados das Tabelas 2 e 3, perceber-se-á que há uma diferença de 33 casos não computados na Tabela 4. São casos em que se tornou impossível verificar os traços semânticos do antecedente e que, assim, não foram considerados.

mais claro envolve os traços [- animado, + específico]. Sem dúvida são os traços mais relevantes e os primeiros a se manifestar na aquisição. Contudo, é preciso notar que os nulos dêiticos iniciais também se encaixam nessa categoria. O problema para as crianças, entretanto, parece residir nos antecedentes com traço [+ animado]. Conquanto o número de casos não seja extremamente alto, ambas as crianças ainda usam nulos para antecedentes [+ animados, + específicos], casos em que o adulto preferiria um pronome.

Um dos resultados inesperados é a baixa produção de nulos com antecedentes [- animados, - específicos] pela criança R. No que diz respeito a antecedentes [+ animados, - específicos], não foram encontrados na produção infantil, mas deve-se ressaltar que há poucos casos mesmo nos dados históricos; portanto, não parecem ser um ambiente produtivo para nulos o que deve explicar sua ausência da fala infantil.

Em relação aos pronomes, podemos depreender da Tabela 4 um quadro mais claro (considerando que o denominador inclui nulos e pronomes). Há 43 casos de antecedentes [+ animados, + específicos], destes 18 foram retomados como um objeto nulo – são os casos inesperados. Os 25 casos restantes foram divididos em [± humanos], dentre esses há 14 casos de retomadas de antecedente [+ humano], todos eles realizados por um pronome lexical:

- (26) E sabe quem pegou **ele** no final? (AC, 3;7) (referindo-se a um bebê)

Resumindo, observamos que o traço [- animado] já está estabilizado, uma vez que o traço de especificidade não interage com ele. O traço [+ animado], por outro lado, ainda não está totalmente estável, provavelmente em função de sua correlação com o traço de especificidade e seu papel em relação ao cálculo aspectual da sentença. Em outras palavras, como o traço de animacidade é intrínseco ao item lexical, só se pode imaginar que os resultados sejam devidos ao traço de especificidade que deve ser calculado na derivação para o mapeamento semântico.

A hipótese de Cyrino e Matos (2005 e 2002) e as evidências apresentadas até aqui sobre aquisição levam-nos a sustentar que a interação entre o traço de especificidade e o cálculo de aspecto sentencial é que causa a dificuldade para a criança adquirindo o PB.

Verkuyt (1993) mostra que o cálculo de telicidade de uma derivação é dependente não apenas dos traços lexicais de determinados verbos (*Aktionsart*), mas também da especificidade do

objeto na sentença, ao que o autor chama de [ $\pm$  SQA] – *specified quantity of the argument* (cardinalidade específica do argumento):

Slabakova (2001) traduz a proposta de Verkuyl em termos sintáticos, sugerindo a seguinte estrutura (aqui modificada para acomodar nossa proposta em (25)):

(25) [...<sub>AspP</sub> [ $\pm$  SQA] [<sub>Asp</sub> [ $\pm$  télico] [<sub>vP/VP</sub>]]]

Segundo Slabakova, o objeto se move para a posição de especificador de AspP e o verbo se move para o núcleo de Asp, entrando numa relação especificador-núcleo com o objeto que garantirá que seus traços se harmonizem para que sejam interpretados na interface semântica.

Ora, mas a proposta acima se pretende universal. Como, então, pode dar conta de uma língua particular, segundo nossa hipótese? A idéia é que em PB o verbo se aloja no núcleo aspectual, não subindo para T, o que diferencia o PB do PE, e o objeto – desde que não seja um pronome fraco – é licenciado localmente.<sup>12</sup> Em outras palavras, o traço de especificidade é checado pelo núcleo aspectual numa relação de complementação e não de especificador-núcleo. Contudo, para que o sistema entre em ação, é preciso que o traço de perfectividade em Asp esteja adquirido.<sup>13</sup>

Eventualmente, a demora na entrada dos objetos pronominais também se deva a esse fenômeno. É plausível considerar que, em PB, a subida do objeto pronominal seja obrigatória, dado o seu caráter de pronome fraco que, como tal, não pode permanecer em posição temática (cf. CARDINALETTI & STARKE, 1994).<sup>14</sup> Ou, ainda, a decisão entre ser o pronome fraco ou forte cause um choque na gramática inicial, pois a criança tende a associar o pronome a referentes [+ humanos], uma das características que Cardinaletti & Starke (1994) apontam como constitutivas de pronomes fortes, conquanto não se tenha observado a ocorrência de pronomes focalizados nos dados infantis.

Um último ponto. Não consideramos em nossos dados respostas a perguntas Sim/Não por serem casos de elipses de VP e não, necessariamente, de objetos nulos, embora os fenômenos possam se confundir a depender da natureza do verbo (cf. MARTINS, 1994; SANTOS, 2006, entre outros).

<sup>12</sup> Isso se deve à perda de movimento generalizado do verbo. Cf. Cyrino e Matos (2005). Infelizmente, não há como explorar esse ponto aqui.

<sup>13</sup> Em (25) o traço [ $\pm$  perfectivo] se traduz por [ $\pm$  télico].

<sup>14</sup> Para uma ampla discussão sobre a tipologia dos pronomes lexicais em PB e sua posição na estrutura, cf. Galves (2001) – capítulo 8.



- (26) – Você entregou o livro pra Maria?  
– Entreguei.

Contudo, a hipótese de Cyrino e Matos (2005) e a que estou defendendo aqui fazem uma previsão bastante interessante. Se a elipse em PE é licenciada por T e em PB, por Asp, e, se a criança adquirindo o PB, passa por um estágio em o traço de perfectividade em tal núcleo ainda não foi selecionado, então é de se prever que as crianças portuguesas produzirão respostas curtas com elipse, conforme a gramática adulta, desde cedo, enquanto as brasileiras vão se utilizar de outras estratégias. Aparentemente, é o que ocorre, embora não possamos estabelecer essa correlação forte em nossos próprios dados.

Oliveira (2000) mostra que a criança brasileira passa por diferentes estágios em suas respostas curtas:

- (27) A: Qué água?  
C: awa (= água) (1;8)
- (28) A: Qué chocolate?  
C: kiate (= chocolate) (1;8)
- (29) A: Tirô tudo?  
C: Tudo (R. 1;8)
- (30) A: Cê quer pôr o microfone embaixo do gravador?  
C: bassu (= embaixo) (R. 1;8)
- (31) A: Quebrou o balde, filha?  
C: É (R. 1;8)
- (32) A: Tá machucadinho?  
C: É (I. 2;2)
- (33) A: Você acha Aldaísa bonita?  
C: Acho (I. 2;4)

Em (28) a (30), a criança repete uma das palavras do enunciado do adulto. Em (31) e (32), as respostas envolvem o uso de um verbo de ligação 'coringa' que, entretanto, não é utilizado como elemento assertivo como é pelos adultos. Finalmente, em (33), há o padrão adulto esperado.

Já em PE, de acordo com Santos (2006), o quadro é bem distinto.

- (34) M: Vamos contar os popós?  
C: Vamos (T. 1;7)
- (35) M: Tinham chocolate lá dentro?  
C: Ti(nh)am. (I. 2;3)

(36) M: Fez ai ai ao Tomás?

C: Fez. (T. 2;2)

(37) M: Queres andar no cavalinho?

C: Qué. (I. 1;5)

O que se percebe em (34) a (37) é que a criança já se utiliza de elipses como na gramática-alvo. A previsão, então, parece se sustentar e parece mostrar como as crianças estão, desde cedo, nos apontando para uma microparametrização entre as duas variedades lingüísticas.

#### **4 Amarrando as pontas, à guisa de conclusão**

Voltemos a alguns resultados dos dados de AC:

- Aos 2;1 anos há uma queda considerável no uso de formas imperativas, atingindo nos demais arquivos um patamar estável de produção;
- Aos 2;3, verifica-se a produção de pronomes lexicais em posição de objeto e o início da presença de objetos nulos anafóricos;
- Nessa mesma idade, a distinção perfectivo/imperfectivo (aspecto gramatical) se torna perceptível na produção (portanto, presume-se, especificada em AspP).

É muito instigante perceber que muitos dos processos ocorrem concomitantemente em AC: em torno dos 2;03 anos, há uma queda brusca no uso do modo imperativo; no modo indicativo, vemos o surgimento de formas morfologicamente marcadas como imperfeitas; ao mesmo tempo a criança começa a usar pronomes lexicais em posição de objeto e seus objetos nulos tornam-se, também, anafóricos. Se considerarmos, ainda, os resultados de outras crianças para elipse de VP em respostas curtas a perguntas Sim/Não, vemos que o padrão adulto entra mais tardiamente, provavelmente quando o traço de perfectividade se torna operativo na gramática. Não parece haver coincidência nos fatos, mas decorrência de um núcleo que tem seus traços semânticos e formais ativados na gramática infantil.

Mesmo que a análise aqui apresentada não esteja no caminho certo, os dados parecem sustentar dois pontos principais que levantamos ao longo do artigo: (a) dados infantis são reveladores da parametrização inicial que crianças fazem no processo de aquisição de suas línguas particulares e (b) a interação de traços formais e semânticos em determinadas categorias pode explicar de

forma mais adequada processos de aquisição, bem como dar conta da descrição de minúsculas diferenças entre as línguas naturais.

## Referências

- AVRAM, L. Remarks on the optional clitic stage in child Romanian. *Bucharest Working Papers in Linguistics*, v. 3, n. 1, p. 16-28, 2001.
- CARDINALETTI, Ana; STARKE, Michel. The typology of structural deficiency. A case study of the three classes of pronouns. In: van RIEMSDIJK, H. (Ed.). *Clitics in the languages of Europe*. Berlim: Mouton de Gruyter, 1999. p. 145-233.
- CHOMSKY, Noam. Minimalist Inquiries: the framework. *MITOPL*, n. 15, 1998.
- \_\_\_\_\_. Derivation by Phase. *MITOPL*, n. 18, 1999.
- \_\_\_\_\_. Beyond Explanatory Adequacy. *MITOPL*, n. 20, 2001.
- CYRINO, S.; MATOS, G. Local licensors and recovering in VP ellipsis. *Portuguese Journal of Linguistics*, v. 4, n. 2, p. 79-112, 2005.
- \_\_\_\_\_. VP ellipsis in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 1, n. 2, p. 177-195, 2002.
- CYRINO, Sonia Maria L. *O objeto nulo no português do Brasil – um estudo sintático-dicarônico*. Londrina: Editora da UEL, 1997.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronomes lexical e categoria vazia no Português do Brasil*. 1986. MA Thesis – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- GALVES, Charlotte. *Ensaios sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- HUANG, P-Y. *The development of null arguments in a Cantonese-English bilingual child*. 1999. MPhil Thesis – Chinese University of Hong Kong.
- JAKUBOWICZ, C.; NASH, L.; Rigaut, C.; GÉRARD, C-L. Determiners and clitic pronouns in French-speaking children with SLI. *Language Acquisition*, p. 113-160, 1998.
- KATO, M. A. A theory of null objects and the development of a Brazilian Child Grammar. In: TRACY, R.; LATTEY, E. (Ed.). *How tolerant is Universal Grammar?* Tübingen: Verlag, 1994.
- LOPES, R. E. V. The production of subject and object in Brazilian Portuguese by a young child. *Probus*, v. 15, n. 1, p. 123-146, 2003.
- \_\_\_\_\_. Traços semânticos na aquisição da linguagem. *Letras de Hoje*, n. 41, p. 161-178, 2006.
- MARTINS, A. M. Enclisis, VP deletion and the nature of Sigma. *Probus*, n. 6, p. 173-205, 1994.
- OLIVEIRA, M. *Frases assertivas e sua variação nas línguas românicas: seu papel na aquisição*. São Paulo: Humanitas, 2000.
- SALUSTRI, Manola; HYAMS, Nina. Is there an analogue to the RI stage in the null subject languages? In: *Proceedings of Boston University Conference on Language Development – 27*. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2002.

SLABAKOVA, R. *Telicity in the second language*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

SOUZA, Tharen Teixeira. A aquisição do aspecto lexical e aspecto gramatical no PB. Relatório final de bolsa de IC-PIBIC/CNPq/UFSC, orientado por Ruth E. V. Lopes. ms. 2005.

VERKUYL, H. *A theory of aspectuality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

WANG, Q.; D. LILLO-MARTIN, D.; BEST, C.; LEVITT, A. Null subjects and objects in the acquisition of Chinese. *Language Acquisition*, n. 2, p. 221-254, 1992.

YIP, V.; MATTHEWS, S. Dual input and learnability: null objects in Cantonese-English bilingual children. *Bilingualism: Language and Cognition*, v. 3, n. 3, p. 193-208, 2000.